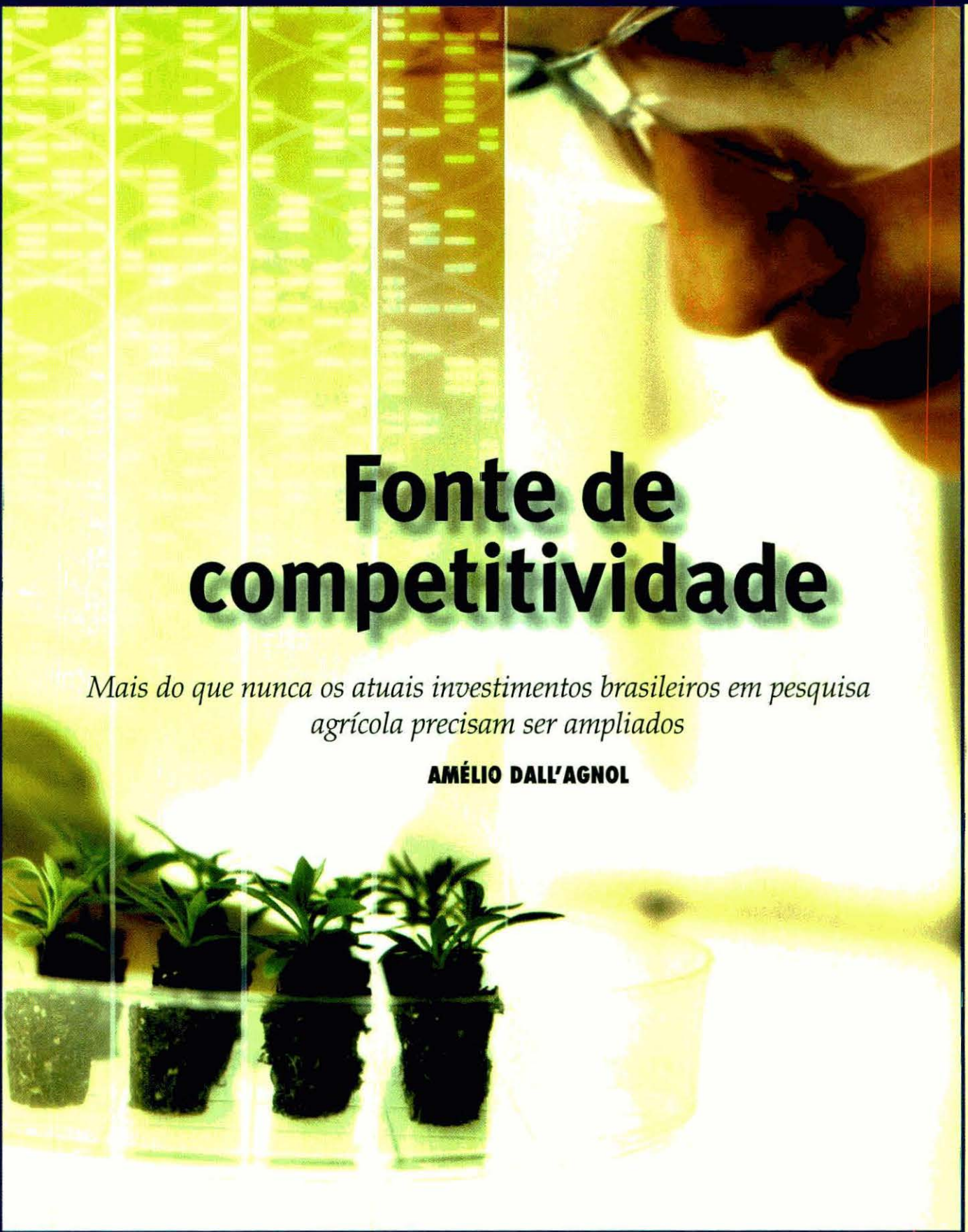

Fonte de competitividade

Mais do que nunca os atuais investimentos brasileiros em pesquisa agrícola precisam ser ampliados

AMÉLIO DALL'AGNOL

O momento pelo qual passa o setor agrícola brasileiro induziria a pensar que há bons motivos para comemorações: a safra brasileira de quase 100 milhões de toneladas de grãos é recorde; o PIB do setor agroindustrial passa de US$200 bilhões e a produtividade das principais culturas do país cresceu mais de 70% ao longo dos últimos 25 anos.

Mas no campo nem tudo são flores. O bom desempenho do agronegócio nacional é parcialmente anulado pelos baixos preços das commodities agrícolas no mercado internacional, que, em apenas quatro anos, caíram 30%.

Parte da responsabilidade por esse quadro é dos abusados e desleais subsídios praticados pelos países ricos, que, além de subsidiarem a produção local que os auto-abastece, restringem nossas exportações, impondo ridículas barreiras tarifárias e não-tarifárias, além de deprimir os preços internacionais, colocando sobras subsidiadas no que resta de mercado.

Mas não há mal que sempre dure e nem bem que nunca acabe. O protecionismo e os subsídios tendem a desaparecer por pressão da lógica dos mercados. Vencerão os mais capazes de competir, condição que se adquire via uso intensivo de modernas tecnologias, obtidas através de pesados investimentos em pesquisa. O Brasil pode orgulhar-se de ter desenvolvido a mais avançada tecnologia agropecuária para produção em regiões tropicais, resultado de significativos investimentos realizados em décadas passadas, na formação de cientistas de alto nível e na construção de modernos e bem equipados centros de pesquisa onde exercessem suas atividades.

O produtor rural que não souber incorporar tecnologia ao processo produtivo de sua lavoura, compensando com aumento de produtividade a queda dos preços, muito provavelmente engrossará o contingente dos desesperançados que habitam as periferias de grandes e pequenas cidades, criando para a sociedade urbana mais um sério problema social e econômico.

O êxito financeiro de uma empresa agrícola estava relacionado a sua capacidade de competir. No passado, essa capacidade dependia, fundamentalmente, da quantidade e qualidade dos recursos naturais que possuía. Hoje não é mais assim. Tem mais êxito a empresa agrícola que possui terras marginais, mas utiliza modernas técnicas de produção, que outra, detentora de terras férteis exploradas com baixo nível tecnológico. Um exemplo é Israel, que, cultivando desertos, compete vantajosamente no mercado internacional de produtos agrícolas com países bem mais aquinhoados de recursos naturais, como o Brasil.

O crescimento da produção agropecuária que o país experimentou ao longo dos últimos 25 anos não é obra do acaso. Coincide com a vida da Embrapa, responsável, juntamente com parceiros públicos e da iniciativa privada nacionais, pela geração e transferência de modernas tecnologias, cuja importância é reconhecida no Primeiro Mundo. A reportagem de 2001 "Sojicultores brasileiros ofuscam agricultores americanos", no *The New York* Times, cita a Embrapa Soja como "líder mundial em pesquisa sobre soja tropical".

Paradoxalmente, enquanto se reconhece a importância da tecnologia como fonte de competitividade e o setor agroindustrial como motor do crescimento econômico e social, o montante dos recursos públicos destinados à geração de novos conhecimentos agrícolas diminui paulatinamente, como resultado do ajuste do Estado à nova economia mundial, que exige redução do gasto público e do aparato estatal.

Isso, no entanto, não tem desestimulado os cientistas brasileiros da área. Novas fontes de financiamento, principalmente do setor privado, indicam a satisfação do setor produtivo com os resultados disponibilizados pela pesquisa, que estimulam o empresariado nacional – tradicionalmente avesso a apoiar esse tipo de iniciativa – a prestar sua importante e necessária colaboração à área.

O produtor rural que não incorporar tecnologia a sua lavoura, compensando com aumento de produtividade a queda dos preços, muito provavelmente engrossará o contingente dos desesperançados que habitam as periferias de grandes e pequenas cidades.

Os incontestáveis avanços alcançados pelo Brasil na produção agrícola, resultado dos aportes de recursos em ciência e tecnologia agropecuária de décadas passadas, não serão suficientes, no entanto, para garantir êxitos futuros permanentes. Esses avanços serão rapidamente superados pela adoção de novas tecnologias de maior impacto, principalmente as biotecnologias. Para não perder espaço no mercado globalizado, o Brasil precisará não apenas manter, mas ampliar os atuais investimentos em pesquisa agrícola.

Amélio Dall'Agnol *é engenheiro agrônomo e pesquisador da Embrapa.*
amelio@cnpso.embrapa.br